



ARTIGO



Amor, cuidado e comunidade: Contribuições de bell hooks para a prática da psicologia clínica

Mônica Gurjão Carvalho. *Universidade São Judas Tadeu (USTJ - SP)*.

Thainara Silva Oshiyama. *Universidade São Judas Tadeu (USTJ - SP)*.

Daniel Moreira Salles Herculano. *Universidade São Judas Tadeu (USTJ - SP)*.

Resumo. Este estudo tem o objetivo de refletir, em forma de Revisão Narrativa de Literatura, sobre a construção da psicologia clínica e sua prática atual, partindo do conceito de amor, cuidado e comunidade em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” de bell hooks. O estudo aborda um histórico breve sobre a construção e conceitualização da psicologia clínica até a atualidade, e a partir da análise das noções de amor na obra da autora, busca contribuir para novas possibilidades para a prática da psicologia. Os resultados demonstram como é possível integrar uma ética do amor para atuar contra o “capitalismo afetivo” e a “crise do amor” presentes na sociedade e repensar as práticas em psicologia para contornar as barreiras da clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Psicologia Clínica. bell hooks



Introdução

O debate sobre amor sempre esteve presente ao longo da vida humana, de Platão (2020) em seu famoso "O Banquete" à Bauman (2004) em "Amor Líquido". O conceito parece passar por transformações ao longo das épocas, refletindo as subjetividades dos tempos em que os indivíduos que o vivenciam estão inseridos.

Na atualidade, o tema continua evidente: com os meios digitais, redes sociais e aplicativos de relacionamento é possível observar uma pluralidade de perfis pessoais e estruturas afetivas que têm se apresentado. Como consequência, o amor ganha novas características, como o desapego e a temporalidade curta, resultando em uma fragilidade nas relações pela falta de intimidade, criação de vínculo e compromisso (De Lima et al., 2023). Assim, fica evidente a constante relevância da temática bem como sua complexidade.

Segundo Han (2017), em "A agonia do eros", a sociedade está se tornando cada vez mais narcisista e a libido é investida essencialmente na própria subjetividade, assim o sujeito narcísico não reconhece o outro em sua alteridade e se afoga em si mesmo. Esse desaparecimento do outro em todas as dimensões da vida é um processo que avança gradualmente junto ao culto do individualismo baseado nos ideais capitalistas que negam a importância de outras dimensões do amor e da coletividade.

A este respeito Illouz (2011), autora de "Amor nos tempos do capitalismo", afirma que durante o século XX, a lógica de mercado transformou o amor e as emoções em uma dimensão socialmente marcante, mas que quase sempre aparece como uma "dimensão do eu", ou seja, individual. A autora destaca que, no neoliberalismo, o amor virou um produto impregnado pelo repertório do mercado e pela lógica do cálculo, desempenho e eficiência da racionalidade econômica. A essa "cultura em que os discursos e práticas afetivas e econômicas moldam uns aos outros", Illouz (2011, p.12) nomeia de "capitalismo afetivo".

Em relação ao amor, a psicologia, de modo geral, tem apresentado a temática de maneira relacionada às necessidades individuais. Estudos estadunidenses, sobretudo, vêm abordando o tema por meio de análises psicométricas que privilegiam aspectos quantitativos, e dimensões como personalidade, percepção e tipologias. Essa forma de apresentar o amor, frequentemente, o restringe a análises que negligenciam os aspectos culturais e sociais envolvidos. No Brasil, a realidade não é diferente, uma



vez que a abordagem evolucionista no estudo do amor e do comportamento humano vem se consolidando e privilegiando tal modo de abordar a questão (Shiramizu; Lopes, 2013).

Pode-se destacar que, em geral, estas perspectivas se apresentam nos estudos de psicologia pois, sempre houve uma dicotomia entre objetividade e subjetividade, interno e externo, indivíduo e sociedade, natural e histórico, objeto e sujeito, razão e emoção (Bock, 1999). Essa separação, porém, ignora o mundo social e cultural e suas influências na subjetividade.

Em vista disso, o presente ensaio é uma revisão narrativa (Rother, 2007) e pretende, partindo dos conceitos de amor, cuidado e comunidade em hooks (2021), no livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, refletir sobre a construção da psicologia clínica e sua prática atual. Com esse propósito, busca-se compreender como é possível aplicar essas noções na prática da psicologia de maneira a transpor noções de cuidado individualizado.

A fim de demonstrar isso, o texto foi dividido em quatro partes. Inicialmente, apontamos os aspectos metodológicos da visão narrativa (Rother, 2007). Em seguida, abordamos a (breve) história e o desenvolvimento da psicologia até os dias atuais, demonstrando como a esta se compôs, no decorrer dos anos, como uma prática individualizada e individualizante; a seguir apresentamos as noções de amor, cuidado e comunidade em bell hooks (2021), salientando a compreensão destes aspectos dentro de um olhar coletivo que ultrapassa perspectivas individuais. Por fim, reunimos todos estes aspectos, trazendo as contribuições dos pensamentos desta autora para a psicologia.

Dessa forma, destacamos que o trabalho visa contribuir com visões do amor que ultrapassam perspectivas neoliberais e individualizantes, apresentando a temática como ferramenta de transformação social, que pode, inclusive, transformar a práxis da psicologia na atualidade. Busca-se contribuir para a expansão do debate sobre o amor como uma ética da vida e ação de luta social, dentro da psicologia e fora dela.



Metodologia

A revisão narrativa é uma das modalidades de revisão de literatura. Essa abordagem não tem como objetivo fornecer respostas quantitativas ou específicas a uma determinada questão; portanto, não segue um protocolo rígido de pesquisa. Ela é menos exaustiva no levantamento de referências, uma vez que não busca esgotar todas as informações disponíveis (Rother, 2007).

Trata-se de uma metodologia que possibilita refletir sobre temas recorrentes e produções anteriores, não com foco no ineditismo, mas na apresentação de novas ideias e reflexões, além de reposicionar debates ao destacar diferentes nuances e pontos de vista.

Acreditamos que esta metodologia é adequada a proposta que aqui fazemos pois não se trata de uma temática inédita ou, ainda, de debates nunca postos, mas, de trazer um novo olhar para a psicologia clínica e sua história, que, como destacado anteriormente é repleta de perspectivas individualizantes.

A incorporação do pensamento de bell hooks (2021) nesta perspectiva constitui uma estratégia para superar os ideais individualizantes frequentemente praticados na clínica psicológica, reposicionando a temática no âmbito que lhe é próprio: o campo político. Essa abordagem amplia a compreensão ao enfatizar a importância de considerar as estruturas sociais e políticas que influenciam as experiências individuais.

Destacamos, ainda, que existem alguns estudos desta autora que abordam a contribuição de seu pensamento para o campo da educação, sobretudo por meio de análises da obra “Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática de Liberdade” (hooks, 2017). No entanto, são raros os materiais que aplicam seu pensamento à psicologia clínica, especialmente a partir da obra “Tudo Sobre Amor: Novas Perspectivas”, uma vez que esta obra costuma ser erroneamente encarada como restrita ao campo afetivo e amoroso.

História e Desenvolvimento da Psicologia Clínica



Para fomentar a discussão que aqui propomos é fundamental realizar um apanhado histórico da psicologia no Brasil com a finalidade de analisar criticamente fatos que influenciaram na construção e estruturação da psicologia clínica atual.

De acordo com Figueiredo (1991), a expressão “psicologia clínica” foi usada pela primeira vez em 1896 para apresentar procedimentos de avaliação com crianças neuroatípicas e com deficiência. Segundo Teixeira (1997), neste período, a cultura e as relações sociais foram impactadas pelo pensamento liberal, sendo o campo da psicologia também influenciado pelos ideais do liberalismo.

O liberalismo, que tem lugar, sobretudo, no século XVIII na Europa, prega ideias de liberdade e prosperidade, amplificando noções mercantis e comerciais sobretudo no que se refere a propriedade privada e livre comércio. Além disso, conceitos como autocontrole individual e a busca por autonomia como um projeto individualizante tornam-se mais evidentes (Dardot; Laval, 2019)

A filosofia liberal traz em seu âmago noções do eu e de singularidade, trata-se de uma afirmação da liberdade individual de caráter privado que se sobrepõe à liberdade coletiva de caráter público.

É nesse cenário que a psicologia se constitui enquanto ciência que vê a possibilidade de controlar, avaliar e normatizar o ser humano “desajustado” em benefício da sociedade, visando assim curar os sintomas dos indivíduos em prol dos esquemas de controle social. (Teixeira, 1997).

Para Stubbe e Langenbach (1988) a psicologia clínica, após a Segunda Guerra Mundial, vai se conectar a estas noções, sobretudo, à prática médica, se sobressaindo neste campo o movimento de psicodiagnóstico.

Conforme Mejrás (1987), em 1935, a declaração do American Psychological Association mostrava um conceito de psicologia clínica pautado na concepção do indivíduo enquanto singular. Nesse sentido, defendia a prática clínica como uma abordagem para a resolução de problemas individuais relacionados a comportamentos “divergentes”, decorrentes de questões de desordem de comportamento e/ou crises existenciais.



Em 1962 a psicologia foi institucionalizada no Brasil com a regulamentação da profissão. A participação de grupos progressistas dentro de sindicatos e conselhos foi fundamental para reivindicar a psicologia como um instrumento a favor da população brasileira no final da década de 1970 (Bock, 1999).

Segundo Campos (1992 apud Baptista, 2010), são dois movimentos que permeiam o processo da definição legal da prática da psicologia no Brasil: um deles é o movimento social e as reflexões ao analisar as necessidades da sociedade moderna industrial para relacionar à prática da psicologia, e o outro é dos profissionais em busca da regulamentação para proporcionar reconhecimento da profissão e trazer segurança para sua prática.

Na década de 1970 com o cenário da ditadura militar, além do próprio desconhecimento da identidade e potencialidade da psicologia por parte dos profissionais, existia o estigma no imaginário da população brasileira que relacionava a prática profissional com “loucura” e “fraqueza” o que resultou em um distanciamento em relação à população. A psicologia se limitava a diagnosticar, rotular, tratar e não tinha interesse de se aproximar das questões sociais presentes à época (Bock, 1999).

No mesmo período, porém, a psicologia começou a se engajar com movimentos sociais, e os debates entre estudantes nas universidades foram fundamentais para iniciar um movimento de questionamento do significado da profissão, tanto no meio universitário quanto no âmbito da categoria profissional, por meio dos sindicatos e do conselho. A partir disso, houve um fortalecimento da psicologia na área da saúde e uma consequente participação no movimento de luta antimanicomial. Trata-se de um período em que os psicólogos e psicólogas foram estimulados a refletir e repensar o ofício de sua profissão de maneira social e crítica (Bock, 1999).

A década de 1980 trouxe reflexões e desafios para a psicologia no Brasil, que teria que ser reinventada para contribuir com a população após a abertura dos serviços públicos de saúde. Em 1986, foi realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, considerada um marco na história da saúde pública no Brasil. Foi a primeira conferência do país aberta aos usuários, pois, anteriormente, a participação era restrita a deputados, senadores e autoridades do setor intra-ministério (Brasil, 2019).



A Conferência tinha como objetivo ser um espaço democrático para a construção das políticas públicas de saúde no Brasil, buscando contribuir para a formulação de um novo sistema de saúde e subsidiar as discussões sobre o setor na elaboração da futura Constituição. Os temas abordados foram “A saúde como dever do Estado e direito do cidadão”, “A reformulação do Sistema Nacional de Saúde” e o “Financiamento Setorial”, o relatório final serviu de base para o capítulo sobre saúde na Constituição Federal de 1988 que gerou uma reestruturação e melhoria do sistema de saúde e a criação do atual Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2019).

Após mudanças no cenário da saúde, entra em vigor em 27 de agosto de 2005 a resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) N°010/2005 aprovando o terceiro Código de Ética Profissional do Psicólogo(a). O código estabelece padrões relativos às práticas da profissão, mas seu objetivo não é normatizar a natureza técnica do trabalho nem criar um conjunto fixo e imutável de normas. Em vez disso, busca garantir um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social da categoria (CFP, 2005).

Acima de tudo, o código busca ser um instrumento de reflexão para o(a) psicólogo(a). Seu objetivo é estimular reflexões que considerem a profissão como um todo, e não apenas suas práticas particulares, além de discutir os limites e as interseções relacionados aos direitos individuais e coletivos. Trata-se de uma ferramenta importante para refletir sobre as relações que os(as) psicólogos(as) estabelecem com a sociedade, com os (as) colegas de profissão e com os beneficiários de seus serviços. Além disso, busca contemplar a diversidade que caracteriza o exercício da profissão e a crescente inserção do(a) psicólogo(a) em contextos institucionais e equipes multiprofissionais (CFP, 2005).

Ao considerar o código de ética, o(a) psicólogo(a) deve refletir sobre o contexto social, os direitos individuais, coletivos e as diversidades presentes em sua prática. Deve promover a liberdade, a dignidade, a saúde e a qualidade de vida, eliminando formas de discriminação, exploração, violência e opressão, atuando com responsabilidade social e adotando um posicionamento crítico que reflita a realidade econômica e política do país e da população (CFP, 2005). Dessa forma, o código de ética é fundamental para a prática de uma psicologia política, aliada à transformação social.



Considerando os marcos históricos apresentados, é evidente que a psicologia se desenvolveu no plano de fundo liberal e positivista, que concebe o ser humano como apriorístico, e que deve ser responsável pelo seu próprio desenvolvimento. Nessa perspectiva, contribui para a manutenção do individualismo e apaga da constituição da subjetividade a realidade social, pois não considera os aspectos exteriores que atravessam seu desenvolvimento. Nessa visão, a prática profissional é vista apenas de forma técnica e teórica, transformando os problemas sociais em individuais (Bock, 1997).

Sob esta ótica, é atribuído ao psicólogo(a) a função de lidar com a desorganização psicológica, reduzir o sofrimento e ajudar o indivíduo a se adaptar à sociedade. O que contribui para a noção onipotente da profissão, na qual existe a possibilidade de transformar o outro, revelar aspectos do indivíduo que ele mesmo desconhece, descobrir seu “verdadeiro eu”, torná-lo feliz, completo e produtivo (Bock, 1997).

Segundo Bock (1997), desta forma, o ser humano não é percebido como aquele que se constitui ontologicamente a partir da constituição do mundo, mas encarado como isolado das circunstâncias de vida. Neste olhar pode-se vislumbrar a remanência de aspectos decorrentes do fundo liberal onde a psicologia se desenvolveu.

Este anteparo liberal também se revela no fato de que, até hoje, a prática da psicologia mais conhecida e priorizada é a clínica individualizada em consultórios particulares. Esta abordagem é frequentemente estimulada no ensino em cursos superiores, que priorizam o aprendizado e o desenvolvimento de práticas individualizantes em detrimento daquelas de vertente grupais e/ou sociais.

Apesar deste “ranço” que remanesce na constituição da psicologia enquanto ciência e profissão, existem outras visões contrárias que foram produzidas ao longo da história (Bock 1997). O desafio é usar essas noções para uma análise crítica dos conhecimentos disseminados nos cursos de psicologia e do processo de reestruturação da prática clínica.



Noções de amor, cuidado e comunidade em bell hooks

Gloria Jean Watkins, mais conhecida como “bell hooks”, nasceu em 1952 nos Estados Unidos e morreu em 2021, aos 69 anos. Foi uma escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista. É autora de obras sobre questões de raça, gênero e classe, educação, crítica cultural e amor (hooks, 2021).

bell hooks retrata e defende o amor de forma corajosa, revolucionária e nos convoca a entendê-lo como uma ética de vida e força transformadora. Em seu livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” publicado nos Estados Unidos no ano 2000 e o primeiro da Trilogia do amor, traz reflexões sobre o amor em diversas dimensões e contextos.

Entre as reflexões apresentadas pela autora, destaca-se a necessidade de definir o amor, especialmente enquanto ato de vontade, intenção e ação. Também aborda o mito de que abuso pode coexistir com amor, além de enfatizar a importância da honestidade, reciprocidade, amor-próprio, espiritualidade e ética amorosa. A autora ressalta o impacto do patriarcado sobre mulheres e crianças, bem como a obsessão pelo poder e pela ganância. Por fim, destaca a relevância das comunidades na prática do amor (hooks, 2021).

Os conceitos de amor, cuidado e comunidade de bell hooks confrontam a sociedade contemporânea individualizada em que vivemos, segundo a autora:

As definições de amor nos dicionários tendem a enfatizar o amor romântico, definindo-o primeiro e principalmente como “afeição profundamente terna e apaixonada por outra pessoa, especialmente quando há atração sexual”. É claro que outras definições informam o leitor que tais sentimentos podem existir em um contexto não sexual. Entretanto, afeição profunda não descreve de forma realmente adequada o significado do amor (hooks, 2021, p. 33).

Conforme pode-se perceber na citação acima, hooks desafia as noções individualizantes de amor e denuncia o fato de que não são discutidas estratégias que visem tornar as pessoas capazes de praticar o amor em comunidade; ao contrário, apenas as incentivam a se adaptarem à sua ausência, assim como à falta de seus direitos básicos e fundamentais.



Ao colocar o amor sob esta perspectiva, a autora defende que o pessoal é político e que o individual só sobrevive por meio da conexão com o coletivo. Além disso, ressalta que o amor é capaz de transformar todas as dimensões da vida e que é preciso promover uma ética amorosa para romper a perpetuação de violências, já que o amor tem papel inerente em qualquer movimento social por justiça. Conforme destaca a autora “sem justiça, não pode haver amor” (hooks, 2021, p. 72).

hooks (2021) afirma que o amor é uma ação, portanto precisa de cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta para sua manifestação. Ao citar M. Scott Peck, diz que o amor é querer se empenhar ao máximo para promover o crescimento pessoal ou de outra pessoa e que “o amor é o que o amor faz, amar é um ato da vontade, tanto uma intenção quanto uma ação e essa vontade implica escolha já que não temos que amar, mas escolhemos” (hooks, 2021, p. 47).

Segundo a autora, descrever o amor como uma ação, ao invés de sentimento faz com que as pessoas assumam responsabilidade e comprometimento, pois nos ensinam que não temos controle sobre os “sentimentos”, mas escolhemos nossas ações e elas têm consequências.

A compreensão do amor enquanto ação intencional contrasta com a concepção de que esse é puramente instintivo e se restringe a uma experiência romântica e sexual direcionada a um casal heterossexual. Esse pensamento equivocado reforça a esfera romântica cis-heteronormativa, ao não considerar o amor entre pessoas LGBTQIAP+ uma possibilidade e ao não exigir uma mudança na forma de (re)pensar os papéis sociais de gênero, o que favorece o patriarcado, que declara que nas relações deve existir um lado superior e um lado inferior (hooks, 2021).

Mulheres e homens são socializados a pensar que o amor só existe em relacionamentos amorosos e que estes devem ter prioridade sobre os outros relacionamentos. Entretanto, com a desvalorização das outras dimensões do amor, as pessoas arriscam-se à solidão, sem conexões significativas com os amigos. Consequentemente, a este aspecto, o medo de ser abandonado aumenta a chance para que relacionamentos românticos se tornem dependência (hooks, 2021).

Apesar de ser um local onde o amor pode se desenvolver com potência, a sociedade não incentiva a valorização das amizades, já que não deveriam ser mais importantes que às relações familiares ou



românticas. Porém, a amizade pode ser o local em que se encontra o amor redentor e o senso de comunidade, e nessas relações é possível construir respeito, honestidade, carinho, lidar com diferenças e praticar o amor. Nas palavras da autora:

É comum não darmos o devido valor às amizades, mesmo quando elas são interações nas quais experimentamos prazer mútuo. Nós as colocamos numa posição secundária, especialmente em relação a laços românticos. Essa desvalorização das amizades cria um vazio que podemos não ver quando devotamos toda a nossa atenção a encontrar alguém para amar romanticamente, ou quando damos toda a nossa atenção para alguém que escolhemos amar. Há muito mais chances de relacionamentos românticos se tornarem codependentes quando cortamos todos os nossos laços com amigos para dar atenção exclusiva a essas relações que consideramos primárias (hooks, 2021, p. 116).

Hooks (2021, p. 116), também destaca que “a maioria de nós é educada para acreditar que encontraremos o amor em nossa primeira família”, sendo este amor prioritário em detrimento de outros. Frente a isso, denuncia que comumente acreditamos que a maioria das crianças nasce em famílias amorosas, quando na verdade muitas vezes o amor não está presente pois seus cuidadores também não foram ensinados a amar.

Nesse sentido, hooks (2021) relata sobre sua criação, enfatizando que cresceu com constrangimento e humilhação verbal, mas que o cuidado e afeto também estavam presentes e que apenas com reflexão crítica e terapia foi capaz de elaborar que sua família era disfuncional e apesar de não se sentir amada, se sentia cuidada.

A autora enfatiza a importância de ser plenamente amada com os componentes do cuidado, respeito, responsabilidade, confiança, compromisso e sabedoria por outras pessoas e que apenas isso foi capaz de permitir que sobrevivesse aos atos de desamor em sua vida (hooks, 2021). Ao trazer seu relato pessoal, mostra que crescer em uma família disfuncional não é determinante para viver uma vida de desamor, e que apesar do meio ter uma grande influência no pensamento e comportamento, é possível conhecer e praticar o amor devido à autonomia de cada pessoa.

Entretanto, uma das dificuldades para a prática do amor é a chamada “crise do amor” que hooks (2001), relata ser ocasionada, dentre vários fatores, pela carência de amor e dificuldade em demonstrar



emoções e direcionar os seus componentes. Ao falar sobre tal crise vivenciada por pessoas negras, a autora ressalta que é resultado da herança colonial, na qual o racismo se mantém.

Segundo Hooks (2001), a dificuldade de pessoas negras na diáspora com a prática do amor começa com a escravidão, pois em um contexto marcado por violência, o amor não era uma possibilidade. É importante, porém, acabar com a narrativa de que a história da negritude só começa a partir disso, pois esse pensamento reduz a história e cultura das pessoas negras apenas à desumanização.

A prática do amor foi comprometida devido ao trauma e aos mecanismos de sobrevivência que negros escravizados precisaram desenvolver mesmo após a abolição em um mundo racista com escassez de condições básicas, materiais e de trabalho. Nesse contexto, acreditava-se que era um ato de amor ensinar as crianças a sobreviverem em mundo de dominação e subordinação e que a conquista de bens materiais no sistema capitalista era a prioridade, sendo o carinho destinado apenas às crianças pequenas (hooks, 2001).

Tais aspectos se refletem nas gerações atuais, que precisam sobreviver ao abandono emocional, que tem como uma das consequências a repressão das emoções, sendo internalizada a ideia de que a capacidade de controlar as emoções é uma característica positiva que deve ser buscada (hooks, 2001).

Dessa forma, bell hooks ressalta que, apesar da sociedade priorizar o amor romântico, o amor pode estar presente em todas as relações, com diferentes formas de expressão e práticas características de cada relacionamento. Além disso, apesar da crise do amor e dos efeitos do “capitalismo afetivo”, é possível construir uma comunidade comprometida com a ética do amor.

Contribuições de bell hooks para a Psicologia

Na introdução de “Tudo sobre o amor: Novas perspectivas”, bell hooks relata que:

Ao falar de amor com pessoas da minha geração, descobri que elas ficavam nervosas ou assustadas, especialmente quando eu comentava que não me sentia amada o suficiente. Em diversas ocasiões em que falei de amor com



amigos, eles me aconselharam a fazer terapia. Entendi que alguns poucos estavam simplesmente cansados da minha insistência na questão e achavam que se eu fizesse terapia eles teriam uma folga. No entanto, a maioria ficava apavorada em relação ao que poderia ser revelado em qualquer investigação sobre o significado do amor na vida deles (hooks, 2021. pp. 33,34).

Essa passagem demonstra que na atualidade a terapia é vista como um espaço individualizante e com caráter curativo, sendo atribuída à clínica a função de curar tudo que é “desajustado”.

A psicologia clínica – conforme explanado na introdução – eventualmente é associada ao modelo médico e voltada ao tratamento das “doenças”. Mesmo com os avanços da profissão, ainda se perpetua esta visão. Dessa forma, a psicologia ainda é predominantemente praticada de maneira autônoma, principalmente em consultórios particulares e com um foco voltado para o âmbito intra-individual. (Lo Bianco et al., 1994 apud Teixeira, 1997).

O desafio para a psicologia é implicar-se em práticas éticas que levem em consideração o contexto em que está inserida, refletindo sobre a realidade do país e dos indivíduos, além de superar a noção de que o cuidado é individual, expandindo as noções para o coletivo. Para que se compreenda algumas razões para este cenário é preciso considerar o perfil dos psicólogos(as) brasileiros.

O CensoPsi de 2022, apresenta e faz uma reflexão crítica sobre os dados sociodemográficos da profissão que registrou um crescimento exponencial com 428.791 psicólogas(os) inscritas(os) em 23 regionais, e faz uma comparação com pesquisas anteriores (CFP, 2022).

Sobre o perfil que caracteriza as(os) psicólogas(os) na atualidade, a pesquisa contou com 20.207 participantes das cinco regiões do Brasil. A faixa etária mostra que cerca de 50% dos participantes têm até 39 anos e a porcentagem começa a decair gradativamente nas faixas subsequentes, o que demonstra que a profissão ainda é exercida por um grupo jovem (CFP, 2022).

Sobre o gênero que se identificam existe prevalência do gênero feminino (79,2%), em relação ao masculino (20,1%) e não binário (0,7%). Em relação à orientação sexual, a grande maioria são heterossexuais sendo (83,8%), homossexuais (8,0%), bissexuais (7,1%), pansexuais (0,7%) e assexuais (0,3%) (CFP, 2022).



A psicologia se mantém como uma profissão de pessoas brancas (63,9%), seguidas de pardas (26,1%), pretas (8,5%), amarelas (1,2%) e indígenas (0,3%). E as diferenças regionais são significativas, pois nas regiões Sul e Sudeste, encontram-se as maiores porcentagens de profissionais brancas(os) (87,5% e 74,1%, respectivamente) (CFP, 2022).

Sobre a renda, 61,6% das(os) participantes possuem renda inferior a seis salários-mínimos. Outros dados também são apresentados como a inserção no mercado de trabalho, estágio da carreira, religião, número de pessoas com deficiência, entre outros (CFP, 2022).

Os participantes do CensoPsi (2022), em sua maioria atuam na área clínica e a porcentagem é ainda maior para aqueles que são egressos de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas (77%), contra (65%) de instituições públicas.

Entre aqueles que atuam exclusivamente no setor público 60,1% tiveram sua formação em instituições públicas, já os que atuam no setor privado, a maior porcentagem graduou-se em IES privadas. A incidência das IES públicas nas formações posteriores é maior. Assim, os dados mostram que aqueles que estudaram em IES públicas se direcionam mais para os setores públicos, enquanto os das IES privadas para o setor privado (CFP, 2022).

Assim, os dados do CensoPsi (2022) demonstram que a mulher cis-hetero-branca egressa de IES privadas hegemonicamente exerce a psicologia clínica no Brasil. Tal aspecto tem influência da classe média que passa a direcionar suas filhas para cursos da área da saúde ligados ao cuidado e à ajuda, como uma promessa profissional e pessoal para a “condição feminina” (Langenbach; Negreiros, 1988 apud CFP, 2022).

Como destaca Hirata (2016), a “organização social do cuidado¹ atribui um papel central à mulher” (Hirata, 2016, p.61) como se o feminino se associasse automaticamente ao cuidar. Ademais, tal aspecto reflete a divisão sexual do trabalho que, conforme a autora, constantemente se articula as noções de raça e classe.

Federici (2021), na obra “O Patriarcado do Salário”, destaca que a associação das mulheres às profissões de cuidado está relacionada ao modo como o desenvolvimento do capitalismo ocorreu, atribuindo uma

¹ Hirata define profissão de cuidado como aquelas que envolvem “um conjunto de práticas materiais e psicológicas que consiste em trazer respostas concretas as necessidades dos outros” (Hirata, 2016, p.54)



divisão hierárquica entre os sexos. Tal lógica forja um patriarcado do salário, no qual, recorrentemente, as mulheres recebem remuneração inferior, garantindo uma maior extração de mais-valia pelo capital, em um contexto de políticas racistas, machistas e colonialistas.

Tomando o exposto, destacamos que no campo da psicologia clínica estes aspectos são evidentes, uma vez que a remuneração média dos psicólogos é superior quando comparada à de psicólogas (R\$ 6.793,15 e R\$6.110,53, respectivamente). Conforme análise apresentada pelo do CensoPsi (2022, p. 61)

Mesmo sendo uma profissão predominantemente feminina, a desigualdade de gênero se faz presente na Psicologia, quando consideramos a renda das pessoas. Esse resultado espelha os resultados das estatísticas nacionais em que a renda das mulheres é inferior à renda dos homens

Frente a estes dados e fatos também é importante considerar, que o perfil da profissão, historicamente, associou-se a imagem de uma profissão burguesa. Tal fato advém, sobretudo, do enriquecimento da classe média que criou, paulatinamente, condições propícias para o surgimento e expansão da demanda por psicoterapia. Junta-se a isso a ilusão de rentabilidade econômica cultivada pelos(as) profissionais a partir da noção de liberdade de determinar o valor, as condições e a duração de seu trabalho (Langenbach; Negreiros, 1988 apud CFP, 2022).

Entretanto, esta liberdade esbarra em um mercado de trabalho saturado pela oferta de serviços psicológicos clínicos (Aguiar Neto, 1988 apud CFP, 2022). Assim, os profissionais passaram a enfrentar uma maior jornada de trabalho como opção de aumento de renda (Bastos; Gomide, 1989 apud CFP, 2022), o que se torna uma característica da profissão e demonstra a aceleração da precarização deste ofício² (Silva; Veiga; Cortez, 2021).

O Estado brasileiro, historicamente, privilegiou a prática da psicologia associada a esfera íntima e privada, que retêm e camufla os conflitos políticos, econômicos e sociais, ou seja, não é questionadora, ao “perscrutar individualmente resposta para conflitos, diluía-se a possibilidade de reflexões mais coletivas, as quais poderiam remeter a

² O estudo de Silva, Veiga e Cortez (2021, p.9) destaca que a aceleração da precarização do trabalho em psicologia acaba se dando também em decorrência da “flexibilização das relações trabalhistas, diminuição dos direitos dos trabalhadores e substituição da mão de obra técnica especializada por inovações advindas de inteligência computacional”.



questionamentos mais substantivos na direção de mudanças políticas” (Langenbach; Negreiros, 1988, apud CFP, 2022, p.88).

Com base no exposto, é preciso repensar a prática clínica em psicologia de maneira que se considere como o aspecto de gênero se relaciona com raça, classe e outras desigualdades se imbricando na produção deste campo e moldando essa área de atuação.

Um dos espaços centrais para se pensar sobre esta questão é no curso superior. De acordo com Lo Bianco et al. (1994), o ensino da psicologia deve considerar a contextualização da realidade nacional, especialmente na composição das produções científicas, de modo a refletir as especificidades do contexto brasileiro. Além disso, é fundamental que o currículo aborde práticas distintas da clínica, promovendo a ampliação dos horizontes. Dessa forma, o profissional formado desenvolverá uma postura crítica, evitando a reprodução de um modelo único de atuação, contribuindo para uma prática mais plural e contextualizada.

Um ponto importante a ser destacado é que o(a) psicólogo(a) clínico(a) deve manter um olhar crítico, a fim de preservar ações reflexivas em seu trabalho. A prática clínica precisa ir além da noção de que o fenômeno psicológico é exclusivamente individual, desconsiderando o contexto social e histórico, devendo, portanto, considerar o sujeito sob uma perspectiva sociocultural (Lo Bianco et al., 1994).

A psicologia precisa ir além dos consultórios; os profissionais devem atuar em equipes multiprofissionais, promovendo intervenções contextualizadas que tenham cunho preventivo, ao contrário de uma intervenção remediativa e de caráter curativo. É importante trazer a multidisciplinaridade, a fim de propor uma diversidade em recursos técnicos e de conhecimentos (Lo bianco et al., 1994).

A psicologia deve atuar contrapondo a ênfase no “eu” presente na sociedade atual, liberal, na qual cada indivíduo é responsabilizado apenas por si mesmo, pois essa lógica é benéfica para a manutenção do capitalismo, atribuindo pouca importância aos relacionamentos em comunidade. Nesse contexto, é comum que as pessoas se tornem céticas quanto à possibilidade de enxergar o amor como uma força transformadora, uma vez que a sobrevivência é marcada por desigualdade, exclusão e solidão, tornando a prática da psicologia,



baseada na ética do amor e do cuidado em comunidade, uma tarefa teoricamente difícil de ser realizada.

bell hooks (2006) não descreve o amor apenas como romântico, como já mencionado, ela traz uma concepção crítica de que o amor é político e que possui poder de transformação social. Ressalta que sem amor, os esforços para libertar a si mesmo e a comunidade mundial da opressão e exploração estão condenados. A autora enfatiza a importância da ética do amor na nossa vida e na luta por libertação dos sistemas de dominação como patriarcado, sexismo, racismo e classicismo.

hooks (2021) destaca que a luta deve ser coletiva e não individual. Porém, é comum que o anseio das pessoas não seja por uma transformação coletiva, mas em solucionar problemas individuais. Assim, a consciência social é necessária para superar a “crise do amor”. É preciso falar sobre a interdependência saudável entre as pessoas e que o amor não surge em isolamento.

Sob este prisma, a psicologia enquanto ciência também tem papel fundamental em promover novas visões sobre amor e comunidade contrapondo, a lógica liberal individualista. A exemplo desta tônica, hooks (2021) cita que foi na obra “A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual” de M. Scott Peck, que obteve contato com o pensamento de Erich Fromm, modificando sua compreensão sobre o amor. A autora revela que, anteriormente, tinha a visão de que o amor seria um sentimento, além disso, o enxergava sob uma concepção genderizada³ como costumeiramente isso acontece.

Somente após o contato com o pensamento de Peck, hooks (2021) começa a desenvolver a noção de que amor seria uma ação, um ato de

³ Sobre o modo distinto que o amor é apresentado para homens e mulheres Hooks (2021) destaca que a literatura tem espaço central “É particularmente angustiante que tantos livros recentes a respeito do tema continuem insistindo que definições de amor são desnecessárias e sem importância. Ou pior, os autores sugerem que o amor deveria significar algo diferente para homens e para mulheres — que os sexos devem respeitar e se adaptar à nossa inabilidade de comunicação, uma vez que não partilhamos a mesma linguagem. Esse tipo de literatura é popular porque não exige mudanças nas formas estabelecidas de pensar papéis de gênero, cultura ou amor. Em vez de compartilhar estratégias que nos ajudariam a nos tornar mais amorosos, ela na verdade encoraja todo mundo a se adaptar às circunstâncias em que falta amor. As mulheres, mais do que os homens, se apressam em consumir essas leituras. Fazemos isso porque coletivamente nos preocupamos com o desamor. Uma vez que muitas mulheres acreditam que nunca conhecerão um amor completo, elas estão dispostas a se acomodar a estratégias que ajudem a amenizar a dor e aumentar a paz, o prazer e a diversão nos relacionamentos existentes, especialmente nos românticos” (Hooks, 2021, p. 53)



vontade e intenção. Ou seja, foi a partir desta obra que obteve reflexões que a incitaram a escrever e propor sua teoria sobre amor.

Ao analisar o exemplo apresentado, evidencia-se a relevância de promover intervenções na área da psicologia que proponham concepções críticas não apenas acerca do amor, mas também de diversos outros conceitos aos quais a disciplina é convocada a refletir. É fundamental, sobretudo, fomentar perspectivas que visem à superação de paradigmas sexistas e machistas, tanto no entendimento do amor quanto em relação a outros conceitos centrais para a prática psicológica.

Ademais, mesmo no âmbito privado da clínica psicólogos e psicólogas podem agir de maneira crítica fomentando uma reconexão do sujeito a um senso de comunidade. Um bom exemplo para isso é que bell hooks (2021) reconhece que foi diante de sua terapeuta e da pressão constante de descrever sua “família de origem como amorosa ou não” que, dolorosamente, reconheceu que não se sentia amada, mas, somente cuidada. Esta reflexão, que se deu em ambiente terapêutico, foi fundamental para que Hooks (2021) distinguisse as noções de amor e cuidado, abrindo a possibilidade para que percebesse sua família como disfuncional.

Além disso, foi com o auxílio da terapia que Hooks (2021, p.49) conseguiu perceber o termo “disfuncional” como uma descrição útil, e não como um julgamento totalmente negativo. Nesse contexto, podemos perceber a prática clínica não como um espaço que individualiza, mas como um ambiente de reflexão sobre o social e as relações.

O espaço predominantemente ocupado pela psicologia clínica é aquele onde os indivíduos buscam consolo e acolhimento. Oferecer nesse ambiente uma oportunidade de reconexão com o senso de comunidade e direitos humanos representa uma ruptura com a lógica individualizante à qual a clínica esteve historicamente submetida. Nesse sentido, hooks (2021) sugere caminhos possíveis ao afirmar que, mesmo em contextos individuais, deveríamos criar espaços de reflexão sobre direitos humanos, cultura e padrões sociais.

Contudo, é necessário destacar que mudanças nas perspectivas relacionadas ao amor e cuidado não ocorrerão sem o acesso a políticas públicas que garantem e fornecem direitos básicos. Por isso, é fundamental que a psicologia, nos mais diferentes âmbitos de atuação, mantenha o compromisso com os Direitos Humanos e com as políticas públicas de Saúde.



Finalmente, destacamos que trazer o conceito de amor fomentado por bell hooks (2021) para a prática clínica não se trata apenas de formar profissionais que proporcionem práticas amorosas em seu meio social-laboral, mas, sobretudo, de considerar, nas consultas psicoterapêuticas, a potencialidade do coletivo para as conexões amorosas ampliadas.

Considerações Finais

Conforme apresentado na literatura, a lógica do amor na atualidade se baseia nos ideais capitalistas de poder, consumo e satisfação imediata, sendo visto como fonte de prazer e excitação inconsequente. O amor não é discutido como uma força de transformação social e a mídia dissemina uma ideia de amor fantasioso.

Em relação a psicologia, verificou-se que ao longo da história até os dias de hoje, a profissão ainda se mantém no espaço da clínica, sendo praticada em um contexto intraindividual por profissionais brancas, cis e heterossexuais.

O presente estudo abre espaço para a ampliação da discussão sobre o tema ao abordar a possibilidade de uma prática clínica em psicologia baseada na ética do amor, cuja estrutura está fundamentada no contexto sócio-histórico, na realidade política e econômica do país, expandindo suas ações para a comunidade.

À vista disso, os objetivos deste trabalho foram cumpridos, à medida que foi possível refletir e problematizar sobre a construção da psicologia e sua prática atual a partir dos conceitos de amor, cuidado e comunidade, propostos por bell hooks. Somos convocados a repensar as práticas em psicologia para que ultrapassem a barreira da clínica, rumo a uma atuação comprometida com o social e aliada a ética do amor em busca de liberdade e emancipação.

Diante do exposto, a proposta de intervenção para a sociedade atual em que o “capitalismo afetivo” e a “crise do amor” se fazem presentes, é a de que, em comunidade, adotemos a ética de amor que bell hooks (2021) propõe. Isso só ocorrerá através das reflexões e discussões coletivas e da consciência pessoal e social. Ademais, apesar dos desafios em abordar sobre o tema de forma crítica, as mudanças nas perspectivas



relacionadas ao amor e ao cuidado não ocorrerão sem a estruturação de políticas públicas que garantam e forneçam os direitos básicos.

O amor na prática da psicologia é político, crítico, comprometido com o ser social e se mostra na confiança e no vínculo entre paciente e terapeuta, numa relação de igualdade e que não se limita ao consultório. A prática da psicologia ancorada na ética do amor possui poder de transformação social e na luta por libertação dos sistemas de dominação como imperialismo, sexismo, racismo e classicismo.

Referências

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. **A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. spe, p. 170–191, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 17, n. 2, p. 37–42, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S141498931997000200006>.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social.** *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 4, n. 2, p. 315–329, jul. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000200008>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **8 Conferência Nacional de Saúde: quando o SUS ganhou forma.** 2019. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/592-8-conferencianacional-de-saude-quando-o-sus-ganhou-forma>.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética**

Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro**. Conselho Federal de Psicologia. — 1. ed.— Brasília: CFP, 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DE LIMA, Fernanda Maria Rocha Oliveira; RIBEIRO, Maria Gabriela Costa; ALVES, Deysiane de Sousa; SOUZA, Cláudia Maria de; TAGLIAFERRO, Camila Teresa Ponce de Leon Mendonça. **O amor e as redes sociais: novas configurações dos relacionamentos amorosos**. Sociedade em Debate. Faculdade Três Marias, 2023. v. 5. Disponível em:<https://www.sociedadeemdebate.com.br/index.php/sd/article/view/75>.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2017. 67 p.

HIRATA, H. O cuidado em domicílio na França e no Brasil. In: ABREU, A. R. de P; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. (org.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016.



HOOKS, Bell. **Love as the practice of freedom.** In: HOOKS, Bell. *Outlaw Culture: resisting representations.* Nova York: Routledge, 2006. p. 243-250. Tradução de: Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <https://doceru.com/doc/sxxen51>.

HOOKS, Bell. **Salvation: black people and love.** Nova York: William Morrow, 2001. 256 p.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** (2a ed). São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes (Traduzido por Marcelo Brandão Cipolla), 2017

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p. Tradução de: Stephanie Borges.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Tradução de: Vera Ribeiro.

LO BIANCO, Ana Carolina; BASTOS, Antonio Vírgilio Bittencourt; NUNES, Maria Lúcia Tiellet; SILVA, Rosalina Carvalho da. **Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica. Psicólogo Brasileiro: Práticas Emergentes e Desafios para a Formação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MEJRAS, Nilce Pinheiro. **Modalidades de atuação e pesquisa em psicologia clínica.** Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 3, n. 2, p. 166-177, 1987.

PLATÃO. **O Banquete (edição de bolso).** [s.l.] Editora Vozes, 2020.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, abr. 2007.



SILVA, D. DE S.; VEIGA, H. M. DA S.; CORTEZ, P. A. **Motivações, Desafios e Dificuldades Vivenciados por Psicólogos Empreendedores: Estudo Qualitativo.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, n. spe2, p. e207747, 2021.

STUBBE, Hannes; LANGENBACH, Miriam. (orgs.). **Seminário Nacional: história da Psicologia no Brasil.** Rio de Janeiro: PUCRJ, 1988.

SHIRAMIZU, Victor Kenji M.; LOPE, Fívia de Araújo. **A perspectiva evolucionista sobre relações românticas.** *Psicologia USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-76, 2013.

TEIXEIRA, Rita Petrarca. **Repensando a psicologia clínica.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, n. 12-13, p. 51–62, fev. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100005>.



Love, care and community: Contributions of Bell Hooks to the practice of psychology

ABSTRACT:

This study aims to reflect, in the form of a Narrative Literature Review, on the construction of clinical psychology and its current practice, based on the concept of love, care and community in “All About Love: New Perspectives” by bell hooks. The study addresses a brief history of the construction and conceptualization of clinical psychology to date, and based on the analysis of the notions of love in the author's work, it seeks to contribute to new possibilities for the practice of psychology. The results demonstrate how it is possible to integrate an ethics of love to act against “affective capitalism” and the “crisis of love” present in society and rethink practices in psychology to overcome the barriers of the clinic.

KEYWORDS: Love. Clinical Psychology. Bell hooks.

Mônica GURJÃO CARVALHO.

Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu (USTJ), São Paulo - SP. Brasil. E-mail: monicagurjao@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9534-5818>

Thainara SILVA OSHIYAMA.

Psicóloga, pela Universidade São Judas Tadeu (USTJ), São Paulo - SP. Residente em Programa Multiprofissional em Saúde Mental com Ênfase na Atenção Básica.

oshiyamathainara@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-6465-0861>



Daniel MOREIRA SALLES HERCULANO

*Psicólogo pela da Universidade São Judas Tadeu (USTJ), São Paulo -
SP. Psicólogo clínico realiza acompanhamento de crianças com
autismo. danielherculano.contato@gmail.com*

<https://orcid.org/0009-0003-8792-7035>

Recebido em: 05/12/2024

Aprovado em: 02/01/2025